

CONJUNTURA

Viés de alta para inflação

Boletim Focus eleva, pela 15ª semana, a projeção do IPCA. Em relação aos juros, mercado prevê taxa Selic a 14% ao ano

» PEDRO JOSÉ*

O mercado financeiro voltou a elevar as projeções para a inflação e para a taxa básica de juros no Brasil. A estimativa para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), considerado a inflação oficial do país, cresceu pela 15ª semana seguida e passou de 5,30% para 5,33% em 2026, segundo expectativa do Boletim Focus.

A projeção permanece acima do teto da meta estabelecida pelo Banco Central, de 4,5%. Esta é a 15ª semana consecutiva de revisão para cima nas expectativas do mercado.

A pressão inflacionária continua concentrada, principalmente, nos preços dos alimentos e dos

combustíveis, fatores que vêm dificultando o processo de desaceleração dos preços ao consumidor ao longo do ano.

Diante desse cenário, os analistas do Focus também elevaram a previsão para a taxa Selic ao fim de 2026. A expectativa passou de 13,75% para 14% ao ano. Atualmente, a taxa básica de juros está em 14,25%, com isso, a previsão do boletim ainda estima uma diminuição de 0,25%.

As incertezas no cenário internacional diante da guerra no Oriente Médio sobre os mercados globais têm contribuído para um ambiente de maior cautela, reduzindo as perspectivas de cortes mais acelerados nos juros pelo Banco Central.

Por outro lado, a projeção para o crescimento da economia brasileira

apresentou melhora. A expectativa para o Produto Interno Bruto (PIB) passou de 1,96% para 1,98% em 2026, indicando que o mercado ainda prevê expansão da atividade econômica, embora em ritmo moderado.

No mercado cambial, a estimativa para o dólar ao final do ano foi mantida em R\$ 5,20. A projeção reflete a expectativa de estabilidade relativa da moeda norte-americana frente ao real, apesar das incertezas fiscais e do cenário externo ainda marcado por volatilidade.

Para o professor da Universidade de Brasília (UnB), Roberto Piscitelli, as projeções do mercado financeiro devem ser analisadas com cautela, uma vez que refletem expectativas de agentes econômicos que nem sempre se confirmam ao longo do tempo.

“Pouco se compara o ocorrido com o previsto, bem como as variações fracionárias dessas estimativas”, afirma. Na avaliação do economista, existe uma tendência de superestimar a inflação para os próximos meses, especialmente diante da perspectiva de redução das tensões internacionais.

Piscitelli acredita que o arrefecimento gradual dos conflitos no Oriente Médio e o avanço de negociações diplomáticas podem reduzir pressões sobre os preços. Por isso, ele considera improvável uma nova elevação da taxa básica de juros e avalia que a Selic deverá continuar em trajetória de queda, ainda que em ritmo mais lento do que o esperado no início do ano.

O professor também projeta um desempenho econômico superior ao estimado pelo mercado. Segundo ele, a atividade econômica tende a ganhar impulso nos próximos meses, favorecida pelo ambiente pré-eleitoral e pelo aumento da circulação de recursos na economia.

Ruído ou tendência

Já para o economista e sócio da Valor Investimentos, Davi Lelis, a sequência de revisões para cima nas projeções de inflação representa um sinal relevante para o mercado e para a condução da política monetária. “O que chama atenção não é apenas o ajuste de 5,30% para 5,33%, mas o fato de essa ser a 15ª revisão consecutiva na mesma direção. Quando isso acontece,

deixa de ser um ruído estatístico e passa a indicar uma tendência”, avalia.

Apesar da deterioração das expectativas para inflação e juros, Lelis observa que o mercado reagiu positivamente ao cenário externo nesta segunda-feira. O avanço das negociações entre Estados Unidos e Irã contribuiu para a queda do petróleo, fortalecendo moedas de países emergentes e impulsionando bolsas de valores ao redor do mundo.

“Hoje convivemos com dois relógios diferentes. No curto prazo, a geopolítica dita o humor dos mercados. No médio prazo, são as projeções do Focus que tendem a orientar as decisões do Banco Central”, afirma.

* Estagiário sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza

OBITUÁRIO

Alan Greenspan, o maestro do Federal Reserve

O ex-presidente do Federal Reserve Alan Greenspan morreu aos 100 anos em decorrência de complicações da doença de Parkinson, informou ontem sua esposa, a jornalista Andrea Mitchell. Greenspan comandou o banco central dos Estados Unidos entre agosto de 1987 e janeiro de 2006, um dos períodos mais longos da história da instituição.

Durante seus quase 20 anos à frente do Fed, tornou-se uma das figuras mais influentes da economia global, recebendo os apelidos de “Maestro” e “Oráculo” por sua capacidade de influenciar mercados e orientar expectativas sobre juros e atividade econômica.

A gestão de Greenspan no Fed coincidiu com um longo ciclo de

expansão da economia norte-americana. Iniciado em 1991, o período foi marcado por forte crescimento, baixa inflação e valorização dos mercados financeiros. Sob a liderança do Maestro, o Fed enfrentou episódios como o colapso das bolsas na “Segunda-Feira Negra” de 1987, a crise financeira asiática de 1997 e a quebra do fundo LTCM em 1998.

A reputação de Greenspan, porém, foi profundamente abalada após a crise financeira global de 2008. Críticos passaram a atribuir parte da responsabilidade ao ambiente de juros baixos mantido pelo Fed nos anos anteriores e à confiança excessiva na capacidade de autorregulação dos mercados financeiros.

Os juros baixos promovidos por

Greenspan contribuíram para inflar a bolha imobiliária. A desregulamentação financeira permitiu que bancos e outras instituições acumulassem riscos enormes, muitas vezes fora do alcance da supervisão governamental.

Irrracionalidade

A Comissão de Investigação da Crise Financeira dos EUA concluiu que mais de três décadas de desregulamentação e confiança na autorregulação das instituições financeiras, defendidas por Greenspan e outros, eliminaram salvaguardas fundamentais que poderiam ter evitado a catástrofe.

O próprio ex-presidente do Fed

admitiu, posteriormente, ter falhado ao presumir que os bancos conseguiriam controlar adequadamente seus próprios riscos. “Cometi um erro”, reconheceu.

Uma de suas declarações mais célebres ocorreu em dezembro de 1996, quando alertou para a possível “exuberância irracional” dos mercados acionários, expressão que se tornou um marco da história financeira moderna.

Em seu livro de 2013, *The Map and the Territory*, Greenspan rebateu as críticas que o responsabilizavam pela crise de 2008. Argumentou que os modelos econômicos tradicionais eram incapazes de prever os comportamentos irracionais que alimentam bolhas

financeiras. “As bolhas sobem muito lentamente, à medida que a euforia cresce”, disse à época. “Então o medo aparece e tudo desaba muito rapidamente. Quando comecei a analisar isso, fiquei intelectualmente chocado”, revelou.

Nos últimos tempos, Greenspan saiu em defesa da independência do Fed diante dos ataques do presidente dos EUA, Donald Trump. Em janeiro deste ano, subscreveu um manifesto criticando a investigação do governo Trump contra o então presidente do Fed, Jerome Powell.

O Fed lamentou a morte de seu maestro, dono de uma “rigorosa disciplina analítica”. “Sob sua liderança, o Federal Reserve alcançou



Greenspan: modelos econômicos não previam a crise de 2008

uma era sustentada de estabilidade de preços que apoiou o crescimento econômico e ajudou a consolidar a confiança do público na instituição”, afirma a nota.

Marotinha 2026

Vem aí a Marotinha 2026!

Diversão, esporte e muita energia esperam os nossos pequenos corredores.

INSCRIÇÕES ABERTAS!

Percursos adaptados para cada faixa etária e **um dia especial para toda a família.**



Inscrição e maiores informações

Local:
em frente ao Centro Ibero-Americano, ao lado da Torre de TV

12/10
a partir das 7h



Apoio:



Apoio Gráfico:



Promoção:

